

PROGREDINDO COM O TRATADO DE PROIBIÇÃO DE ARMAS NUCLEARES

ESTADOS AFRICANOS LIDERANDO O PROCESSO

Armas nucleares representam “uma ameaça comum enfrentada pela África”, como caracterizado em 2004 pela Política Comum Africana para Segurança e Defesa da União Africana (UA).¹ Nações africanas tiveram um papel de liderança nas negociações e adoção do Tratado das Nações Unidas sobre a Proibição de Armas Nucleares (TPAN) - o primeiro instrumento legalmente vinculante para proibir as armas nucleares. O apoio substancial para o TPAN e seu contínuo comprometimento para realizar um mundo sem armas nucleares é demonstrado através da assinatura e ratificação do TPAN.

Este artigo aborda o porquê é tão crítico para os estados africanos aderirem ao TPAN como matéria de urgência, particularmente porque o uso ou o teste atmosférico de armas nucleares em qualquer lugar no mundo tem um severo e imediato impacto no globo, incluindo a África, a qual é uma zona livre de armas nucleares.



CONTEXTO

O TPAN foi adotado no dia 7 de julho de 2017 nas Nações Unidas, com o apoio de 122 estados, incluindo 42 estados africanos. O Tratado foi negociado em resposta à preocupação da comunidade internacional na catástrofe humanitária que resultaria de qualquer uso de armas nucleares. Até o presente 21 estados africanos assinaram (Argélia, Angola, Benim, Cabo Verde, República Centro-Africana, Comores, Congo, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Gâmbia, Gana, Guiné-Bissau, Líbia, Madagascar, Malawi, Namíbia, Nigéria, São Tomé & Príncipe, Seychelles, África do Sul e Togo). Até o momento dois desses signatários — Gâmbia e África do Sul — também o ratificaram, enquanto uma parte dos outros começaram o processo de ratificação doméstica. O TPAN entra em vigor assim que 50 estados ratificarem; no mundo todo 23 já o fizeram até o dia 20 de maio de 2019.

A IMPORTÂNCIA DO TPAN PARA A ÁFRICA

Os riscos do uso de armas nucleares são hoje tão grandes quanto eram durante a guerra fria. Os Estados que as detêm estão engajados em modernizar seus arsenais, se comprometendo a usar enormes somas de dinheiro na espiral perversa de uma nova corrida armamentista nuclear. Há apenas semanas atrás, dois estados detentores — Índia e Paquistão — lutaram um breve conflito armado que poderia ter resultado no uso de armas nucleares contra o outro. Tivessem feito isso, as consequências devastadoras não estariam confinadas no sudeste da Ásia. Especialistas calculam que uma guerra nuclear entre duas nações que envolvesse apenas 100 armas do tamanho da usada em Hiroshima (bombas com uma geração explosiva equivalente a 15 quiloton de TNT) causaria uma perturbação climática a nível global e um declínio catastrófico na produção alimentícia pelo mundo, colocando cerca de 2 bilhões de pessoas o risco de morrer por inanição.² A África ficaria especialmente vulnerável aos efeitos de um declínio na produção de comida, observando as estatísticas em baixa segurança alimentar.

Nós ainda estamos pagando o preço por testar armas nucleares entre 1944-1980. Argélia sofreu quatro testes nucleares atmosféricos nas mãos da França no começo dos anos 60, seguidos de mais de uma dúzia de testes subterrâneos. De fevereiro de 1960 até fevereiro de 1966, a França detonou um total de 17 bombas nucleares no Saara Argelino. Porém a radiação nuclear atmosférica não é geograficamente limitada. Ventos podem carregar partículas de plutônio-239 milhares quilômetros de distância. O plutônio tem uma meia-vida radioativa de 24.000 anos.³ Se ingerido, as partículas de plutônio e de estrôncio jamais saem do corpo. Os testes na Argélia espalharam precipitação radioativa por todo o país, pela África Central e Ocidental, e também pelo Mediterrâneo, incluindo o sul europeu. Contaminação irreversível que infringiu pessoas, animais, vegetação e o meio ambiente.⁴ Foi calculado que cerca de dois milhões de pessoas mundo a fora morreram ou morrerão prematuramente de câncer como resultado dos testes atmosféricos pelo mundo ainda que o último destes testes aconteceu faz quarenta anos.⁵

Acidentes nucleares continuam um problema real. Os Estados Unidos ainda não limpam toda a terra em Palomares na Espanha, o local de um acidente nuclear em 1966, quando um bombardeiro B-52 americano explodiu no ar. O avião estava carregando 4 bombas de hidrogênio, cada uma capaz de liberar 1,45 megatons de poder explosivo: 100 vezes o tanto que a bomba lançada em Hiroshima. As bombas não estavam armadas, mas a carga de duas detonou, espalhando plutônio radioativo sobre uma larga área de terras agrícolas⁶. Enquanto armas nucleares existirem a África não está imune à ocorrência destes tipos de acidentes.

Os efeitos são especialmente agressivos em mulheres e crianças pequenas – os quais são biologicamente mais vulneráveis aos efeitos nocivos da radiação ionizante que o homem.

No entanto, as consequências do dano causado pelo desastre nuclear vêm tanto direta como indiretamente. De acordo com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente (CICV), um grande evento radioativo causado pelo uso ou teste de armas nucleares iria deslocar milhares, senão milhões de pessoas, levando a um enorme desafio humanitário e de proteção social para qual agências humanitárias e o pessoal da saúde não estariam preparados para responder adequadamente. O impacto na terra seria o ar, solo, e água envenenados, os quais afetariam o acesso à serviços vitais de grandes populações, levando à migração. O clamor por recursos escassos seria imenso entre as populações; crimes desenfreados para assegurar a vida; epidemias e doenças com provisões e instalações de saúde inadequadas. Alcançar a população afetada seria quase impossível e perigoso devido redes de estradas ruins, comunicação limitada, exposição à radiação e limitadas provisões de cuidado à saúde. No passado, trigo irradiado colhido na Grécia foi misturado com trigo limpo, e então enviado para a África como ajuda.⁷ Cinzas e esterco usados como fertilizante são “concentrados radioativos excepcionais”; moscas que se alimentam do esterco voarão para alimentos, adicionando contaminação radioativa.⁸

As despesas com arsenais nucleares pelos países que os possuem — aproximadamente US\$2 trilhões nas próximas décadas — vai reduzir o financiamento para alcançar e desenrolar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

O TPAN E A ARQUITETURA AFRICANA DE PAZ E SEGURANÇA: O PAPEL DA UA

Desde da decisão da OUA de 1963 sobre a desnuclearização da África, a UA tem sido ativa em desarmamento nuclear. Em 2013, o quinquagésimo aniversário de fundação da OUA/UA, Chefes de Estado Africanos adotaram a Declaração de Solemn, expressando determinação para manter a África zona livre de armas nucleares, e, clamando pelo desarmamento e não proliferação nuclear como parte de um objetivo de se ter uma África livre de conflitos até 2020.⁹ Como tal, o TPAN deve ser visto como um tratado multilateral que é elemento crítico na mais ampla Arquitetura Africana de Paz e Segurança; um que é impulsionado pelo espírito de segurança coletiva e apoia muitas das iniciativas atuais da UA, incluindo o Silenciando as Armas na África até 2020, a Agenda 2063: A África que queremos, e 2019: Ano dos Refugiados, Repatriados e Deslocados Internos.

O TPAN se constrói na conquista do Tratado africano para a formação de uma zona livre de armas nucleares de 1995 (Tratado de Pelindaba), que estabelece a África como uma zona livre de armas nucleares. Os 41 estados membros podem se juntar ao TPAN sem dificuldade. Dado a sinergia e similitude entre os dois tratados, o progresso na implementação de um, facilita a implementação do outro. Em março de 2018, os estados membros do Tratado de Pelindaba incentivaram os Estados Membros da UA à “rapidamente assinar e ratificar o tratado”, enfatizando que ele “avança a lei internacional no sentido do desarmamento nuclear e é consistente com os objetivos do Tratado de Pelindaba.”¹⁰

O TPAN é primeiramente um instrumento preventivo da lei internacional, assim como todos os tratados de desarmamento. Ação coletiva é necessária com urgência para ajudar a garantir que um desastre não ocorra. Gerenciamento de crises de um desastre nuclear não é uma opção realista e reconstrução pós-conflito seria grandemente desafiadora. Apenas a prevenção será efetiva, e isso demanda a observação da questão como prioridade estratégica

A entrada rápida do TPAN em vigor vai ajudar a fortalecer a paz e a segurança na União Africana. Mas a África continua a ter um papel crítico a desempenhar também na segurança global. Ao garantir entrada prematuramente em vigor e completa implementação do TPAN todos nós estaremos mais seguros. Isto vai colocar pressão nos Estados possuidores de armas nucleares e seus aliados para levar mais a sério suas obrigações sob a lei internacional para se mover em direção ao fim da corrida armamentista e rumo ao desarmamento nuclear. A África pode e deve desempenhar um papel central nisso; a alternativa é horrível demais para se contemplar.

NOTES:

1. Disponível em: <http://bit.ly/2HW0e92>.
2. International Physicians for the Prevention of Nuclear War (IPPNW), “Nuclear Famine: climate effects of regional nuclear war”, disponível em: <http://bit.ly/2l0Jqxs>.
3. S. Plokhly, Chernobyl: History of a Tragedy, Allen Lane, United Kingdom, 2018, pp. xii, 343.
4. Samia Henni, “Toxic Imprints of Bleu, Blanc, Rouge: France’s Nuclear Bombs in the Algerian Sahara”, The Funambulist Vol. 14 (November–December 2017).
5. See, e.g., A. Makhijani and S. I. Schwartz, “Victims of the Bomb”, in S. I. Schwartz (ed.), Atomic Audit, Brookings Institution Press, Washington, DC, 1998, p. 395ff.
6. K. Brown, Manual for Survival: A Chernobyl Guide to the Future, Allen Lane, United Kingdom, 2019, p. 109.
7. Ibid., p. 105, citing inter alia IPS, “Wheat à la Chernobyl for the Third World”
8. Brown, Manual for Survival: A Chernobyl Guide to the Future, p. 109.
9. AU, Fiftieth Anniversary Solemn Declaration, 2013, disponível em: <http://bit.ly/2uuGfpY>.
10. Conclusions of the 4th Ordinary Session of the Conference of States Parties to the African Nuclear-Weapon-Free Zone Treaty (Treaty of Pelindaba), 14–15 March 2018.

Imagem: Andrew Moore | Flickr CC BY-SA 2.0